

Fome, Solidariedade e Resistência Nas Favelas: uma reflexão sobre o impacto da Pandemia de Covid-19 e a luta por dignidade¹

Hunger, Solidarity, And Resistance in the Favelas: A Reflection on the Impact of the Covid-19 Pandemic and the Struggle for Dignity

MARCIO DE SOUZA

Faculdade Unyleya | PUC-Rio

EDILMA SOARES DA SILVA

Faculdade Unyleya

Resumo: Este artigo trata dos impactos da pandemia de Covid-19 no Brasil, com foco nas desigualdades sociais e nos desafios enfrentados pela população periférica e favelada. A partir de dados da Rede Penssan e da análise do contexto social e econômico brasileiro, o estudo revela que, em julho de 2022, o país registrava 671.938 mortes por Covid-19. Políticas públicas como o Auxílio Brasil foram insuficientes para atender a milhões de famílias vulneráveis. O artigo também explora a situação alarmante da insegurança alimentar no país, com 125,2 milhões de pessoas nessa condição, e evidencia a persistente desigualdade racial, já que 60% da população negra estava afetada pela fome. Ao longo do texto, estabelece-se um paralelo com os relatos de Carolina de Jesus, que denunciou as condições precárias e a fome nas favelas há mais de 60 anos, mostrando que, apesar do tempo, muitas das questões estruturais continuam presentes. A solidariedade e a resistência das comunidades faveladas, que se mobilizaram para reduzir os danos da pandemia, emergem como exemplo de força, organização e capacidade de reação perante a ausência estatal. Em suas considerações finais, o artigo reafirma o compromisso com a luta por justiça social, solidariedade e o enfrentamento das desigualdades, seguindo o legado de Carolina de Jesus.

Palavras-chave: Insegurança Alimentar, Solidariedade nas Favelas, Resistência Comunitária, Desigualdade Social

Abstract: This article addresses the impacts of the Covid-19 pandemic in Brazil, focusing on social inequalities and the challenges faced by peripheral and favela populations. Drawing on data collected by the Rede Penssan and analyzing the social and economic context in Brazil, the study highlights that, by July 2022, Brazil had recorded 671,938 Covid-19 deaths, while public policies such as Auxílio Brasil proved inadequate to support millions of vulnerable families. The article also explores the alarming situation of food insecurity in the country, with 125.2 million people living in food insecurity, and underscores the persistent racial inequality, with 60% of the Black population affected by hunger. Throughout the text, a parallel is established with the accounts of Carolina de Jesus, who denounced the precarious conditions and hunger in the favelas over 60 years ago, showing that, despite the passage of time, many structural issues remain. The solidarity and resistance of favela communities, who mobilized to mitigate the damage caused by the pandemic, stand out as examples of strength, organization, and resilience in the face of the state's

¹ Este artigo é uma adaptação do trabalho intitulado "CARTA PARA CAROLINA: omissão do Estado e ação dos favelados em tempos de Pandemia de Covid-19", elaborado pelos autores em 2022 e que não foi publicado na época.

abandonment. In its final considerations, the article reaffirms the commitment to the struggle for social justice, solidarity, and confronting inequalities, following the legacy of Carolina de Jesus.

Keywords: Food Insecurity, Solidarity in Slums, Community Resistance, Social Inequality

De Souza, Marcio; SILVA, Edilma Soares da. Carta para Carolina: omissão do Estado e Ação dos favelados em tempos de pandemia de Covid-19 *Educação Sem Distância*, Rio de Janeiro v.5, n.1, jun. 2025. ISSN digital 2675-9993.

1 Introdução

O ano de 2019 marcou a 10ª edição do livro Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada, de Carolina de Jesus, publicado pela Editora Ática. Traduzida para mais de 13 idiomas, a obra oferece um relato cru e doloroso sobre o cotidiano da autora e de seus três filhos pequenos, moradores da primeira grande favela do Estado de São Paulo, na região Sudeste do Brasil. O livro é uma edição dos diários pessoais de Carolina, que se iniciam em 15 de julho de 1955 e se encerram em 1 de janeiro de 1960. A fome é a personagem principal que permeia todas as páginas da obra, mas a autora também aborda questões mais amplas, como a situação política do país, a ausência de políticas públicas, os políticos oportunistas e o abandono das populações faveladas.

O ano de 2020 foi marcado pela eclosão de um vírus letal², que expôs de maneira brutal as desigualdades enfrentadas pela classe trabalhadora. No Brasil, ao analisarmos os relatos de Carolina de Jesus, percebemos que, passados 60 anos, muito pouco havia mudado nas favelas. Contudo, é pertinente destacar que a favela também representa potência e resistência. A ação dos moradores e moradoras das favelas foi fundamental para reduzir os impactos da pandemia, evidenciando a força e a solidariedade dessas comunidades diante de tempos adversos.

A necessidade urgente de permanecer em casa, como medida para evitar a disseminação do vírus, permitiu que trabalhadores formais adotassem o trabalho remoto e que atividades escolares e acadêmicas fossem realizadas de forma virtual. No entanto, essa realidade não foi a mesma para trabalhadores informais ou aqueles com vínculos de trabalho precarizados. Para muitos, o "ficar em casa" era, na verdade, um risco.

Entre os trabalhadores de menor renda, inseridos em setores considerados "vitais" – como motoristas de transporte público, atendentes de supermercados e farmácias, cuidadores, diaristas e trabalhadores domésticos – a impossibilidade de adotar o trabalho remoto se somava à exposição diária ao vírus. Em alguns casos, o fechamento de postos de

² No dia 31 de dezembro de 2019, o governo chinês emitiu um alerta sobre um novo coronavírus, devido ao surgimento de uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan, na província de Hubei. Pouco tempo depois, foi identificado que o responsável por essas infecções era um novo vírus, nomeado Covid-19, que demonstrou desde o início uma alta taxa de transmissibilidade. O primeiro caso confirmado no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, seguido pela primeira morte no dia 17 de março, de uma empregada doméstica de 63 anos, que havia tido contato direto com sua patroa, que retornou da Itália e testou positivo para o vírus. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a Covid-19 uma pandemia. Como medida de prevenção, o governo adotou medidas rigorosas de confinamento e distanciamento social para conter a propagação do vírus. Essa situação forçou muitos trabalhadores a optarem pelo *home office*, enquanto outros se viram sem qualquer fonte de renda mensal, evidenciando ainda mais as disparidades econômicas e sociais durante a crise.

trabalho afetou imediatamente a rotina e a sobrevivência dessas pessoas. Para aqueles que precisavam estar fora de casa, a alternativa de "ficar em casa" não era uma garantia de segurança.

Além disso, para muitos trabalhadores informais, ficar em casa significava enfrentar uma situação ainda mais precária. Sem a renda gerada pelo trabalho, com crianças e adolescentes impossibilitados de frequentar a escola, e idosos – o grupo de maior risco – sem o devido atendimento, a casa se tornava um ambiente de confinamento e vulnerabilidade. Para as populações de baixa renda, a proteção no ambiente doméstico nem sempre era uma realidade. Nesse cenário de caos, a população aguardava uma resposta efetiva da União.

Este artigo propõe um diálogo entre o contexto vivido durante a pandemia de Covid-19 e as reflexões de Carolina de Jesus, com foco nas ações de resistência dos moradores de favelas diante dessa crise sanitária.

2 Um olhar histórico e atual sobre a fome e a luta pela dignidade nas favelas

As primeiras experiências de favelas em São Paulo começaram a se consolidar na década de 1940, conforme Bonduki (2011). Isso foi resultado de uma combinação de despejos, urbanização acelerada e a ausência de alternativas habitacionais para a população mais pobre. Esses processos levaram à formação de comunidades nas periferias da cidade, muitas das quais foram marginalizadas desde seus primeiros momentos. O surgimento das favelas refletiu não apenas as condições econômicas e sociais do país, mas também a crescente e enraizada desigualdade.

No contexto das favelas paulistanas, o diário de Carolina de Jesus, escrito a partir de 1955, oferece uma visão íntima e dramática da vida no Canindé, uma das favelas mais emblemáticas da cidade. O Canindé, onde Carolina viveu com seus filhos, foi fundado em 1948 e, embora tenha sido extinto em 1961, é um marco importante na história das favelas em São Paulo. Segundo Barone (2019), o terreno foi cedido pela Prefeitura Municipal de São Paulo na tentativa de abrigar famílias desalojadas. No entanto, o que se seguiu foi uma ausência total de infraestrutura, políticas públicas e condições mínimas de vida para os moradores.

A partir de seus cadernos de anotações, Carolina de Jesus expõe a dura realidade enfrentada pelos moradores e, em especial, a falta de apoio das autoridades. Ela descreve como a ajuda só chegava por meio de caridade e que os políticos surgiam frequentemente apenas durante o período eleitoral.

Em 15 de maio de 1955, Carolina faz um relato pungente sobre essa dinâmica:

Hoje a eleição se aproxima e vejo a agitação dos políticos na favela. Mas eu sei que, depois das eleições, ninguém mais vai lembrar de nós, da nossa situação. Eles aparecem, prometem, mas nunca cumprem. Só aparecem na época de eleição, quando querem o nosso voto. Eu me pergunto até quando vamos continuar assim, sendo ignorados, tratados como lixo, como se nossas vidas não tivessem valor. (Jesus, 2019, p. 32)

Esse trecho revela não só o desprezo social e político pelas favelas, mas também a consciência de Carolina sobre a exploração e a manipulação dos mais pobres durante os períodos eleitorais. Sua escrita se torna uma forma de resistência e um grito por justiça, expressa na sua capacidade de dar visibilidade ao cotidiano invisível da favela. Ao contrário da representação estigmatizada da favela como um lugar de miséria e crime, Carolina oferece um retrato honesto da luta diária, da sobrevivência e da dignidade dos moradores. Ela mostra como, apesar das dificuldades, a favela também é um espaço de vida, de resistência e de busca por condições mais justas.

Portanto, a trajetória do Canindé e o relato de Carolina de Jesus são elementos fundamentais para entender a formação e a perpetuação das favelas em São Paulo. Além disso, refletem a luta pela sobrevivência de uma população marginalizada, que enfrenta não apenas a violência social, mas também o abandono das instituições públicas. Esses relatos evidenciam a necessidade urgente de políticas públicas mais inclusivas, que atendam às necessidades básicas da população favelada e reconheçam sua importância para a cidade e para o país.

No Rio de Janeiro, o Censo Demográfico de 1950 apresenta informações detalhadas sobre o crescimento das favelas, um fenômeno crescente desde o início do século XX. De acordo com o Recenseamento de 1920, o Morro da Providência foi identificado como a primeira favela, com 839 domicílios e 6 casas de negócios, estabelecendo-se como um ponto inicial do processo de ocupação das áreas periféricas da cidade por trabalhadores sem acesso a moradias adequadas nas áreas centrais.

O Censo de 1950 também destaca outros morros em processo de urbanização e crescimento populacional, como o Morro do Salgueiro, Cantagalo, Babilônia e Morro de São João. Embora fossem descritos como "superpopulosos", o Censo ressalta que, em 1920, essas áreas eram vistas com grande surpresa como "raras moradias" devido ao seu caráter improvisado e à falta de infraestrutura básica.

Além disso, o levantamento predial realizado em 1933 revelou um quadro alarmante da falta de condições habitacionais para as populações mais carentes da cidade. O estudo registrou aproximadamente 57.889 habitações rústicas, compostas por casebres, galpões, casas de madeira e barracões, destacando o grande déficit habitacional e as precárias condições de moradia nas favelas cariocas. Esses dados, extraídos dos Documentos Censitários Série C – Número 9 de 1953, mostram um panorama de desamparo social e urbano e servem como base para a compreensão da rápida expansão das favelas no Rio de Janeiro ao longo do século XX.

As condições de moradia precária nas grandes cidades brasileiras são um reflexo direto da trajetória histórica do país, que por muito tempo viveu sob a economia escravagista. Mesmo após o fim da escravidão, o Brasil não implementou reformas agrárias significativas nem programas que garantissem o acesso a moradia digna. A falta de políticas públicas para a inclusão social resultou em um cenário de crescimento desordenado das favelas e das ocupações informais. Esse descaso institucional, que não se preocupou com a justiça social, ainda impacta fortemente a classe trabalhadora, que continua a sofrer com a precariedade das moradias.

Essas desigualdades e dificuldades cotidianas, como descritas nos relatos de Carolina de Jesus, ilustram a realidade vivida por grande parte da população marginalizada nas favelas. Em um de seus diários, datado de 10 de maio de 1958, Carolina reflete sobre a necessidade de um líder capaz de compreender a realidade da população mais pobre: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças" (Jesus, 2019, p.29).

Neste relato, Carolina expressa a profunda sabedoria adquirida pela experiência da fome e das dificuldades extremas, sugerindo que a falta de acesso à alimentação e aos recursos básicos cria uma compreensão mais profunda das necessidades e da solidariedade. Para ela, somente aqueles que vivenciam o sofrimento cotidiano das camadas mais pobres podem realmente entender a urgência de políticas públicas eficazes.

O pensamento de Carolina revela uma crítica contundente à gestão política do país e à falta de empatia dos governantes para com a classe trabalhadora. Sua mensagem é clara: os governantes precisam ser mais conscientes das realidades duras enfrentadas pela população, pois, caso contrário, a desigualdade social continuará a se perpetuar. Ao refletir sobre a fome como uma "professora", Carolina destaca a importância da empatia e da solidariedade para transformar a realidade social do país.

Os relatos de Carolina de Jesus são tristes, reais e emocionantes. Sua obra é um retrato doloroso das condições precárias em que viviam os moradores das favelas, especialmente aqueles marginalizados pela sociedade e pelo poder público. O relato de 21 de maio é um exemplo claro dessa amarga realidade. Nele, Carolina descreve um sonho em que ela e sua família vivem em uma casa decente, com banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Ela imagina que pode comprar presentes para sua filha, e a comida é farta: bife, pão com manteiga, batata frita e salada, uma vida completamente diferente daquela a qual ela estava acostumada. No entanto, ao acordar, Carolina se depara com a dura realidade: ela ainda estava morando na favela, na lama às margens do Tietê, com apenas 9 cruzeiros para sobreviver (Jesus, 2019).

Essa narrativa evidencia o contraste entre o sonho de uma vida digna e a cruel realidade de um cotidiano de miséria e privação. Carolina utiliza esse tipo de relato para expor a desigualdade social que a atinge e como seus sonhos estavam tão distantes. O contraste entre a riqueza do sonho e a pobreza de sua vida real ilustra a sensação de frustração e impotência que muitos habitantes das favelas enfrentam.

Além disso, como em outros relatos, a fome é uma constante presente na obra de Carolina, não apenas como uma necessidade física, mas como uma experiência emocional e psicológica devastadora. Em 27 de maio, por exemplo, Carolina descreve a tontura causada pela fome, comparando-a com a tontura provocada pelo álcool. Ela afirma que a tontura da fome é ainda pior, pois, enquanto a do álcool pode impulsionar a cantar, a da fome faz tremer (Jesus, 2019, p. 44). Esse relato não só transmite a dor física, mas também a desumanização que a falta de comida causa, tornando-se um símbolo da violência social que afeta os mais pobres.

O ciclo de pobreza e fome descrito por Carolina reflete a persistente exclusão social e, como ela mesma percebe, muito pouco havia mudado para eles ao longo do tempo. Os relatos de Carolina são um grito de denúncia contra a desigualdade estrutural que se

perpetuava e que, em muitos aspectos, ainda persiste, como demonstrado pelos relatos contemporâneos. Sua obra permanece relevante como um importante documento histórico e uma reflexão crítica sobre as condições de vida dos marginalizados e a luta constante por dignidade e direitos.

A edição especial de abril de 2021 do informativo *Radar Covid-19 Favelas*, do Observatório de Favelas da Fiocruz, no Rio de Janeiro, trouxe relatos angustiosos dos moradores sobre o impacto da pandemia, destacando a fome como um tema central. Um trecho do informativo retrata a relação entre a fome e as dificuldades vividas pela população:

Contudo, para a gente periférica e favelada, de todos os assuntos, a fome talvez seja o tema mais difícil de debater e ‘digerir’. Porque o Covid tem como driblar, mas a fome é implacável. Não cabe debate, e sim ação! Os relatos de quem está há dias sem comer, agonizando, causam tremores, neles e em nós. São pessoas que têm nome e sobrenome. Que querem trabalhar, mas não têm trabalho; que querem comer, mas não têm comida. Que querem teto, mas não têm como pagar o aluguel. Que querem estudar, mas não têm internet. Que querem amar, mas com fome, não têm como. Que querem sonhar, mas de barriga vazia, só pesadelo. (Lucena, 2021, p.14)

Esse depoimento não só denuncia a persistência da fome nas favelas, mas também destaca a luta constante pela sobrevivência, em um cenário onde as necessidades básicas continuam a ser negadas a uma parte significativa da população. A fome, nesse contexto, é descrita como implacável, uma realidade que exige ação imediata para garantir a sobrevivência física e a dignidade.

Ao refletir sobre o impacto desses relatos, é inevitável traçar um paralelo com os escritos de Carolina de Jesus, que, mais de 60 anos antes, registrava o mesmo sofrimento. A leitura de seus diários nos confronta com a dura realidade de que, apesar do tempo, muitos dos problemas enfrentados pelas populações periféricas e faveladas ainda permanecem.

No entanto, a solidariedade também permanece uma característica essencial nas favelas. Em 28 de maio de 1955, Carolina escreveu: “Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital” (Jesus, 2019, p. 45). Esse relato ilustra como, mesmo diante das adversidades, a troca de favores e a ajuda mútua se tornaram mecanismos de resistência e sobrevivência, permitindo que as pessoas se apoiassem e cuidassem umas das outras.

Assim, a fome segue sendo uma questão central nas favelas brasileiras, mas a solidariedade persiste como uma forma de resistência, buscando reduzir os danos causados pela falta de políticas públicas e pela desigualdade social. Os relatos de Carolina e os contemporâneos nos mostram que, embora o contexto tenha mudado, muitos desafios permanecem, exigindo a mesma ação coletiva e solidariedade que sempre esteve presente na vida das favelas.

3 Solidariedade e resistência nas favelas: a mobilização comunitária no enfrentamento à pandemia de Covid-19

O *InformaSUS-UFSCAR*³ – Universidade Federal de São Carlos, publicou em seu sítio algumas ações de proteção e sobrevivência da população nas favelas brasileiras durante a pandemia de Covid-19, com foco nas iniciativas locais que se destacaram pela solidariedade e mobilização comunitária. Um exemplo notável dessas ações foi o coletivo Rocinha Resiste, formado por moradores da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Este coletivo, diante das dificuldades impostas pela pandemia, conseguiu organizar uma série de ações que foram fundamentais para garantir a segurança e o bem-estar da população local.

Entre as principais ações realizadas pelo Rocinha Resiste, destacam-se a arrecadação de alimentos, roupas e brinquedos para os moradores da favela, que enfrentavam um cenário de escassez ainda mais grave devido à crise sanitária. Além disso, o coletivo se empenhou em capacitar os agentes comunitários de saúde, garantindo que estivessem preparados para atuar de forma eficaz no combate ao Covid-19, com o fornecimento de máscaras de proteção facial e material de higiene pessoal para os moradores.

A atuação do Rocinha Resiste não se limitou apenas à entrega de recursos essenciais, mas também incluiu ações de conscientização da população. Através de carros de som, o coletivo promoveu campanhas educativas, informando sobre a importância do distanciamento social, do uso de máscaras e das medidas de prevenção ao vírus. Essas iniciativas tiveram um impacto direto na conscientização dos moradores, que muitas vezes estavam desinformados ou com dificuldades de acesso às informações devido à falta de canais de comunicação adequados.

Esse tipo de ação evidencia a capacidade de organização e resistência das comunidades periféricas e faveladas, que, apesar das adversidades, sempre encontram maneiras de se unir e lutar pela sobrevivência e proteção de seus membros. Em um contexto de ausência total do poder público, iniciativas como a do Rocinha Resiste são essenciais para reduzir os danos causados pela pandemia e fortalecer os laços de solidariedade dentro da comunidade.

Na favela de Paraisópolis, em São Paulo, o líder comunitário Gilson, juntamente com outros membros da comunidade, desempenhou um papel central na organização e execução de ações para reduzir os impactos da pandemia de Covid-19. Através de um conjunto de 12 ações específicas, a comunidade de Paraisópolis conseguiu não apenas enfrentar os desafios, mas também promover a solidariedade e o apoio mútuo em um momento de vulnerabilidade extrema.

Uma das principais iniciativas foi a contratação de ambulâncias para atender a população 24 horas por dia. Com a grande demanda por serviços de saúde, essa medida garantiu que os moradores da favela tivessem acesso rápido ao atendimento médico, especialmente em uma época em que hospitais e unidades de saúde estavam sobrecarregados. A presença constante de ambulâncias foi necessária para proporcionar um mínimo de segurança e agilidade no atendimento às emergências médicas da comunidade.

³ Para saber mais: <https://www.informasus.ufscar.br/pandemia-de-covid-19-nas-favelas/> Acesso em: 03 jul. 2022.

Além disso, foi realizada a confecção e distribuição de máscaras de proteção facial, uma ação essencial para promover a prevenção do vírus. A distribuição das máscaras foi acompanhada da entrega de materiais de higiene pessoal e álcool em gel, que eram necessários para diminuir a propagação do vírus em um ambiente de convivência tão denso como o das favelas. Essas medidas reforçaram a importância do autocuidado e da proteção individual.

Outro destaque importante foi a criação de uma campanha de ajuda direta às trabalhadoras domésticas da favela, que perderam sua fonte de renda devido à demissão em massa durante a pandemia. A campanha foi pensada para fornecer um apoio emergencial a essas trabalhadoras, oferecendo cestas básicas, auxílio financeiro e outros recursos necessários para garantir a sobrevivência das famílias atingidas.

As ações de Gilson e da comunidade de Paraisópolis refletem a força da organização comunitária e a capacidade de agir diante das dificuldades. Em um contexto de abandono do poder público, onde as políticas de assistência eram insuficientes, as comunidades faveladas mostraram resiliência e união. Ações como essas demonstram que, mesmo em meio à crise, a solidariedade e o trabalho coletivo podem ajudar a reduzir os impactos de uma pandemia, proporcionando à população favelada um mínimo de proteção e dignidade.

Para proteger os moradores das favelas do coronavírus e reduzir os impactos da pandemia, o Observatório de Favelas, no Rio de Janeiro, deu continuidade a uma campanha de conscientização que começou logo após o decreto de pandemia no Brasil, conforme relatado pela reportagem do G1⁴. Iniciada em março de 2020, a campanha intitulada “Como se proteger do coronavírus” teve como objetivo fornecer informações essenciais à população favelada sobre a natureza do vírus, suas formas de transmissão e as medidas preventivas necessárias.

Com o objetivo de diminuir os riscos de contágio, a campanha distribuiu materiais informativos, como panfletos, cartazes e postagens em redes sociais. Além disso, foram realizadas mobilizações nos próprios territórios das favelas com o apoio de agentes comunitários, que ajudaram a levar a mensagem de prevenção diretamente aos moradores, utilizando carros de som.

À medida que o ano de 2020 avançava, a campanha passou a enfatizar ainda mais as recomendações das autoridades de saúde. A educação sobre a importância do isolamento social foi amplificada.

Em 2021, com o início da vacinação em massa no Brasil, a campanha do Observatório de Favelas assumiu um novo foco: a conscientização sobre a necessidade da vacinação contra a Covid-19. Dado o contexto de desinformação, a campanha foi determinante para combater *fake news* e promover a adesão à vacinação. A iniciativa enfatizou a importância da vacina como a maior ferramenta disponível.

Neste novo estágio da campanha, foram realizadas parcerias com centros de saúde locais e organizações comunitárias para facilitar o acesso à vacinação, além de ações informativas voltadas para os mais vulneráveis. A campanha também buscou garantir que as

⁴ Para saber mais: <https://extra.globo.com/noticias/rio/observatorio-de-favelas-lanca-segunda-fase-da-campanha-como-se-protoger-do-coronavirus-24876659.html> Acesso em: 03 jul. 2022.

comunidades faveladas, que frequentemente enfrentam barreiras para o acesso a serviços de saúde, fossem adequadamente atendidas.

Através dessa continuidade de ação, o Observatório de Favelas não apenas ajudou a proteger a saúde dos moradores, mas também desempenhou um papel vital na promoção de saúde pública, especialmente em áreas com alto risco de contágio. As campanhas do Observatório se tornaram um exemplo de mobilização comunitária eficaz.

Desde o decreto de calamidade pública em 18 de março de 2020⁵, a população mais vulnerável se viu ainda mais desamparada, após anos de cortes e desmontes nas políticas públicas assistenciais que começaram em 2016 com o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. A suspensão de programas sociais e a fragilidade de políticas pioraram a situação daqueles que já enfrentavam dificuldades extremas de acesso a direitos básicos.

Como alertado por Fleury e Menezes (2020), se a população favelada tivesse que esperar apenas pela ajuda do governo, muitos certamente teriam sucumbido à fome e à exclusão social. A resposta do Estado foi insuficiente para cobrir a totalidade das necessidades da população, especialmente no início da pandemia.

Diante desse cenário de abandono e negligência, a sociedade civil se mobilizou de forma emergencial, com a solidariedade de associações de moradores, coletivos e grupos comunitários. Estas ações preencheram o vácuo deixado pela falta de respostas governamentais. As comunidades faveladas realizaram um trabalho multifacetado para reduzir os impactos da fome e da escassez de recursos. Como Fleury e Menezes (2020) relatam, a organização interna foi essencial para coordenar as ações de apoio. A primeira medida foi a identificação das famílias mais necessitadas.

As redes de solidariedade se formaram a partir de contatos externos, muitas vezes com pessoas de fora das favelas. A logística dessas doações foi meticulosamente planejada, com o objetivo de manter as medidas de distanciamento social. As campanhas de arrecadação se tornaram uma maneira eficaz de sensibilizar a sociedade.

Além disso, a prestação de contas foi outro elemento essencial, tanto para garantir a transparência da ação quanto para manter a confiança. Cada passo foi cuidadosamente calculado para evitar a proliferação do vírus e ao mesmo tempo garantir que a ajuda chegasse aos mais necessitados.

Essa mobilização destacou a resiliência e a capacidade de organização das comunidades, que, diante do total descaso do poder público, demonstraram um imenso senso de coletividade e força. Ao longo da pandemia, a solidariedade foi uma das principais ferramentas para garantir a sobrevivência e o bem-estar das populações faveladas.

As ações realizadas nas favelas ao longo da pandemia tiveram um impacto significativo na vida dos moradores, não apenas em termos de sobrevivência imediata, mas também ao fortalecer as redes de solidariedade e a resiliência das comunidades. Mais de dois anos após o início da crise sanitária, ainda é possível observar a continuidade dessas iniciativas.

Com o passar dos meses, a situação nas favelas se agravou, com os efeitos econômicos da pandemia se fazendo sentir de maneira mais profunda. A escassez de empregos formais,

⁵ Para saber mais: <https://www.camara.leg.br/noticias/646493-APROVADO-O-DECRETO-QUE-COLOCA-O-PAIS-EM-ESTADO-DE-CALAMIDADE-PUBLICA> Acesso em: 03 jul. 2022.

a dificuldade de acesso a serviços de saúde e o aumento da vulnerabilidade social tornaram as condições de vida ainda mais precárias.

Apesar dos desafios, a solidariedade nas favelas permaneceu uma constante. Embora muitos dos atores externos tenham se retirado da cena, o apoio mútuo entre os vizinhos continuou firme. Os laços de solidariedade se fortaleceram, com ações de ajuda local ganhando ainda mais destaque. A divisão de alimentos, a troca de produtos e serviços essenciais, e o apoio psicológico entre os vizinhos se mantiveram como práticas diárias.

Além disso, a continuidade dessas ações reflete a construção de um poder local, com moradores se organizando para resolver problemas. A mobilização comunitária, que surgiu como uma necessidade urgente, também se transformou em uma forma de resistência contra o abandono institucional e uma maneira de criar redes de apoio contínuas.

Assim, ao olhar para o presente, observa-se que a solidariedade continua sendo uma força poderosa nas favelas, sustentando os moradores em tempos de crise, mas também se consolidando como uma forma de resistência. As ações solidárias nas favelas permanecem como uma demonstração de força, mostrando que, enquanto a ajuda institucional é insuficiente, a solidariedade local é duradoura e essencial para a manutenção da vida e da dignidade nas comunidades periféricas.

Considerações finais

Em julho de 2022, o Brasil lamentou a perda de 671.938 vidas⁶ devido à pandemia de Covid-19, refletindo o impacto devastador da crise sanitária. Nesse cenário, o governo federal anunciou em junho a liberação do Auxílio Brasil⁷ para 18,15 milhões de famílias, com parcelas mínimas de R\$ 400,00. No entanto, um estudo da Confederação Nacional de Municípios revelou que 2.788.362 famílias que estavam aptas a receber o benefício estavam sem assistência desde abril, agravando ainda mais a vulnerabilidade dos mais pobres.

Durante o período entre novembro de 2021 e abril de 2022, a Rede Penssan realizou uma pesquisa abrangente sobre a insegurança alimentar no Brasil. Os dados coletados de 35.022 indivíduos em 12.745 domicílios revelaram a dura realidade enfrentada por milhões de brasileiros. Cerca de 36,8% da população tinha uma renda *per capita* de até meio salário-mínimo, e 42,5% das vítimas da Covid-19 eram responsáveis pelas despesas familiares. Esses números indicam o grande impacto da crise na economia das famílias e a profunda desigualdade social que permeia o país.

O Inquérito apontou que 125,2 milhões de pessoas vivem em situação de insegurança alimentar, e 33 milhões enfrentam a fome extrema. A situação nas áreas rurais é ainda mais alarmante, mas nas cidades também existem 27 milhões de famintos. Esse quadro desolador é um reflexo direto das desigualdades estruturais do Brasil, um país rico em recursos, mas com uma população em grande parte desamparada, lutando para ter acesso ao básico.

⁶ Para saber mais: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movei/> Acesso em: 03 jul. 2022.

⁷ Para saber mais: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/28/auxilio-brasil-veja-quem-recebe-parcela-de-junho-nesta-terca.shtml> Acesso em: 03 jul. 2022.

Além disso, o estudo revelou que 60% da população negra sofre com a fome, um dado que evidencia a interseção de desigualdade racial e social no Brasil. A população negra continua sendo a mais afetada pelas mazelas econômicas e pela falta de políticas públicas eficazes para combater a pobreza.

Como Carolina de Jesus já nos ensinava, seguimos sua luta e exemplo de resistência. A denúncia das omissões do Estado, que falhou em fornecer um suporte adequado à população vulnerável durante a pandemia, permanece essencial. Embora o governo tenha se mostrado insuficiente em suas ações, a força e a resiliência das comunidades faveladas têm sido a base verdadeira para a sobrevivência e a luta por dignidade. Em vez de sermos silenciados, devemos seguir em frente, buscando sempre a justiça social e a igualdade.

A solidariedade, que tanto Carolina como as comunidades atuais demonstram, é um farol de esperança. Apesar da negligência do Estado, a população das favelas continua a resistir, a se organizar e a lutar pela sobrevivência. O movimento pela justiça social e pelos direitos fundamentais é urgente e deve ser amplificado. Seguiremos em frente, denunciando as desigualdades e construindo uma sociedade mais justa, onde ninguém mais precise sofrer com a fome e a exclusão social.

Querida Carolina, seguiremos o seu exemplo! Continuaremos a denunciar as omissões do Estado, que, infelizmente, pouco fez para reduzir os danos e conter a propagação da Covid-19 em nosso país. Mas também nos comprometemos a destacar a força e a resistência da população das favelas, que, apesar de todas as adversidades, seguiu e segue lutando para existir e preservar sua dignidade.

Referências Bibliográficas

BARONE, Ana Clara Campagnoli. Negra ou pobre? Migrante ou despejada? Carolina de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 59, 2019. DOI 10.9771/aa.v0i59.24977. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24977/20611>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 2013.

FLEURY, Sonia; MENEZES, Patrícia. Pandemia nas favelas entre carências e potências. Artigo de Opinião. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. especial, p. 267-280, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2020.v44nspe4/267-280/pt/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

IBGE – CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **As favelas do Distrito Federal e o Censo Demográfico de 1950**. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1953. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/doccensitarios_c/As%20favelas%20do%20Distrito%20Federal%20e%20o%20censo%20demografico%20de%201950.pdf. Acesso em: 02 jul. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 10. ed., 11. imp. São Paulo: Ática, 2019.

LUCENA, Renata Conceição de. “A raiva e a Fome é coisa dos homens”. **Radar Covid 19 Favela** [Especial], Rio de Janeiro, ed. 9, abr. 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48261/2/radar-09-fechado.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

REDE PENSSAN. **II VIGISAN Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no contexto da pandemia de Covid 19 no Brasil**. [S. l.]: Rede Penssan, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.